

Rosh Há Shana

Benjamin Mandelbaum 2002

*“A natureza atinge a perfeição, mas o ser humano não.
É na tentativa de aperfeiçoar-se , de terminar o inacabado,
Que os seres humanos tornam-se também criadores.
É este inacabado que nos permite ser, eternamente, capazes de aprender e crescer”*
Eric Hoffer

À medida que o tempo progride em direção aos “*Iamin Noraim*”, e se aproxima o final do mês de *Elul*, se intensifica a preparação para *Rosh Há-Shana*, que é celebrada nos primeiros dois dias do mês de *Tishrei*.

Na *Torah*, refere-se à esse dia como “*Yom Teru’ah*- o dia do toque do *Shofar*. Também é conhecida como “*Yom HaZikaron*”- o dia das recordações, e como “*Yom HaDin*”- o Dia do Julgamento.

É tradicionalmente reconhecida como o aniversário da criação e o tempo de renovação. D’us renova Sua criação; a cada ano ocorre um recriação do universo.

Este dia ,diferente do primeiro dia da criação, depende da atividade humana.

Há uma idéia implícita que a manifestação Divina da força vital depende da qualidade de nossas ações no mundo material.

Durante o mês de *Elul*, nos conscientizamos com compaixão, da verdade de nossas vidas. Já em *Rosh HaShana*, a aceitação incondicional se transforma em confrontação.

O D’us de *Rosh HaShana*, é representado por um monarca que está sentado num trono do julgamento, nos revendo, nos oferecendo um feed-back crítico sobre todas as características que nos pertence. Alguns de nossos aspectos são julgados como positivos ou construtivos; outros, ao contrário, são percebidos negativos, destrutivos e ineficientes. Nossas vidas são avaliadas e nosso destino para o próximo ano decidido; quem deve ser inscrito no “Livro da Vida” e quem no “Livro da Não Vida”.

Temos que tomar cuidado no entanto, para não reduzirmos incorretamente esta imagem, a uma percepção infantil representada por um “pai” rígido, punitivo, e cruel.

A Fonte de Vida deve ser aqui compreendida como uma “Consciência” que nos ajuda a perceber a verdade de nossas vidas, de nossos pensamentos, sentimentos e ações, que estavam adormecidas durante o ano.

A finalidade do julgamento no entanto, não é nos condenar, mas sim nos ajudar a fazer uma avaliação honesta para nos ajudar a corrigir os desvios, erros, que nos distanciam de quem somos, do verdadeiro significado da nossa vida, e do que é nossa verdadeira prioridade. A intenção é portanto nos mobilizar, é gerar um sentimento de reverência para nos ajudar a adquirir a noção da urgência e importância de quebrarmos nossas amarras internas, transformarmos nossos padrões que nos aprisionam, nossos esconderijos que nos mantém protegidos , já que a força do hábito é poderosa.

Desta forma, temos mais uma oportunidade de renovarmos tudo que nos traz um sentimento de não estarmos aproveitando a vida que nos foi oferecida de forma plena, criativa e satisfatória.

Somos provocados neste dia, para nos sentirmos inquietos com nossas tendências comodistas, nossa tendência de desperdiçar oportunidades, como nos momentos que permitimos que nossos medos nos dominem; que escolhemos privilegiar o descuido ao invés do cuidado; sermos desumanos ao invés de humanos.

Tendo que prestar contas neste período do ano, somos levados a abrir mão de nossos esconderijos e negações, e assumir responsabilidade por nossas ações.

O reconhecimento de nossas dificuldades e a necessidade de buscar ajuda através das orações para ultrapassá-las, representa uma situação muito mais esperançosa e saudável, do que a manutenção do padrão de negação.

A oportunidade de entrarmos em contato com nossas verdades de tal forma, que possamos reavaliar nossas escolhas, reconhecer nossa habilidade de fazer novas opções em relação aos caminhos que estamos traçando. para revertermos estes padrões nocivos que nos mantém sobrevivendo ao invés de vivendo, nos é dada através da T'shuvá, Tefilá, Tsedaká.

Estes três, quando feitos com Kavaná (intenção verdadeira), e sinceridade, nos possibilita estarmos “limpos”, restaurados, com possibilidades de sermos inscritos no livro de uma vida plena.

Os alimentos associados com Rosh Hashaná expressam nosso desejo que o novo ano seja doce e cheio de luz.

Martin Buber ensinou:

D'us nos diz o mesmo que disse à Moises:

“Retire os sapatos de seus pés”

“Retire os hábitos que atrapalham a maneira que você se põe de pé no mundo, e você vai reconhecer que o lugar que você está de pé neste exato momento, é um chão sagrado”.

Respondendo ao desafio Divino: O processo de T'shuva- O “retorno” da alma

*“Antes que você possa começar a ir para a direção correta,
É necessário parar de ir para a direção errada.”*

Ashlegh Brilliant

Em resposta ao desafio Divino, que nos foi imposto em Rosh Hashaná, nós trabalhamos para realizar mudanças. Esse processo, é conhecido como T'shuva.

Embora T'shuva seja normalmente traduzido por arrependimento, a tradução literal é resposta, sugerindo que este processo envolve um diálogo; podemos supor que seja um diálogo interno, ou uma resposta ao desafio de D'us.

A raiz da palavra, *shuva*, significa “retorno”, sugerindo uma mudança, um retorno para dentro de si mesmo, para o nosso verdadeiro self.

Kabalisticamente falando, este processo envolve uma reconexão com a unidade, um retorno para conectar-se com D'us. Um retorno para nossa Essência.

Para o rabino Bonder, “T'shuva significa a correção dos desvios de percurso, o retorno a um caminho de vida e a uma vitalidade que nos são próprios. O indivíduo que realmente consegue fazer um balanço da sua alma (“Cheshbon Ha-Nefesh”) e distingue os processos internos que geram a distância entre intenção e a atitude, inicia um “retorno”.

“A T'shuva transcorre do primeiro ao decimo dia do mês de Tishrei, (de Rosh Ha-Shana até Iom Kipur). Esses 10 dias são conhecidos como dias de “Retorno”- “Aseret I'mai T'shuva”. É

nesses dias, segundo o Talmud, que aqueles que estão entre o “Livro da Vida e da Não-Vida” acabam por decidir seu destino.”¹

De acordo com a tradição nosso destino é decretado em Rosh Hashana, mas ele não é irrevogável ; pode ser transformado através da T’shuva (conexão com nosso mundo interno), da Tefila (conexão com D’us) e da Tzedaka (conexão com o mundo externo).

R. Iehuda disse: “Para um pecador provar que está realmente arrependido, quando a tentação ao pecado lhe aparece uma primeira e uma segunda vez, e no entanto ele resiste”. - Yoma,86b.

Busca-se neste período, um balanço de vida, um acerto de contas, uma reflexão sobre o uso que estamos fazendo do tempo de nossa existência, de nossa potencialidade, de nossa capacidade de sermos autênticos, criativos.

Paramos para refletir quanto de nossa vida usufruímos , e quanto deixamos de viver neste período que passou (qual a fração de vida e a de não vida).

O quanto nos responsabilizamos por levar a sério nossas prioridades e as oportunidades que a vida nos oferece.

Confrontamos com nossas dificuldades e fraquezas

Avaliamos se as metas, os ideais, as intenções foram atingidas e realizadas.

Se as promessas feitas a nós mesmos foram cumpridas, ou se as oportunidades de realizações e crescimento foram perdidas por medo, inseguranças, indecisões, etc.

A distância que existe entre a intenção de atingir uma determinada meta, ideal ou ambição e a realização das mesmas seria o pecado (Chet), de acordo com um ponto de vista da tradição judaica.

Neste ponto de vista, o “pecador” é aquele que não cumpre com suas expectativas almejadas, aquele que fica em falta consigo mesmo, que tem uma atitude incompatível com sua intenção, que desperdiça seu potencial, sua capacidade criativa.

“O Criador nos criou para sermos. Quando não somos, quando deixamos de ser as criaturas com os potenciais que nos foram dados, então pecamos para com D’us.”²

Desta forma, quanto maior a distância que existe entre quem somos em relação a quem esperamos ser, ou poderíamos vir a ser, mais estamos “pecando”.

No entanto, quanto maior a consciência dessa distância, e o arrependimento sincero por não estarmos sendo íntegros, maior a possibilidade de nos desculparmos e sermos desculpados (libertos da culpa) e merecermos a inscrição no Livro da Vida, uma vida mais plena, com possibilidade de nos sentirmos mais puros, mais fortes e confiantes para tentarmos uma vez mais transformar atitudes insatisfatórias e repetitivas em ações mais próximas de nossas intenções.

R. Iosse disse : “Uma única autocrítica vindo do coração é mais eficaz que a punição por muitos açoites”. – Berachot, 7a

Maimonides,³ disse: “Não diga que se deve fazer T’shuva somente por transgressões que envolvem um ato, como se prostituir, roubar ou assaltar. Deve-se também buscar os maus pensamentos, relativos à raiva, a hostilidade, a inveja, e a briga; a busca de dinheiro, do

¹ Rosh Há-Shana e Iom Kipur - Dias Intensos - Nilton Bonder

² Rosh Há-Shana e Iom Kipur - Dias Intensos - Nilton Bonder

³ Autoridade rabínica da época medieval

privilégio e a ganância por comida e coisas materiais; por todos estes, as pessoas devem voltar-se para a T'shuva.

Estas iniquidades são as mais sérias que as que envolvem um ato, pois quando a pessoa é viciada nelas, lhe é difícil largá-las.

E assim está escrito (Isa. 55) : “Que o mal se livre de seus caminhos e o iníquo de seus pensamentos.”⁴

De acordo com Maimonides, a T'shuva envolve cinco etapas:

1. **Vidui**—A confissão; a verbalização ou expressão de alguma forma do arrependimento.
2. **Kabalat Le Atid**-- Um compromisso de passar a responder (agir) de forma diferente
3. **Akatat há –Chet**-- A conscientização de nossas ações , reconhecimento de nossos pecados.
4. **Charada**- Um sentimento de arrependimento quando reconhecemos as conseqüências dessas ações e pecados .
5. **T'shuva**- A capacidade de reagir de forma diferente (manifesta se nos atos de caridade- “Tsedaka”)

Shneur Zalman diferencia duas facetas no processo de T'shuva:

1. **Eetkafya** – (Faceta mais ativa)-o trabalho interno que envolve :
 - reconhecimento da nossa tendência de agirmos em oposição ao nosso verdadeiro Self .
 - um esforço ativo que devemos nos engajar, quando adquirimos mais consciência de nossos hábitos antigos e insatisfatórios que se repetem automaticamente, se tornando vícios, para dissolvê-los e nos conectarmos com nossas necessidades mais atuais e verdadeiras .

Aqui vivemos a experiência de sermos instrumentos divino- associado ao conceito kabalístico *Melech Kol Almin* - “o Ser Único que preenche todos os mundos”.
 2. **Eethafcha** – (Faceta mais receptiva)- também se inicia com o reconhecimento da desconexão da nossa Essência, mas aqui nos defrontamos com nossas limitações e nos abrimos para pedir ajuda ao Divino. Nesta faceta, nos sentimos “filhos de D’us”- associado à experiência kabatista *Sovev Kol Almin*—o D’us transcendente
- É interessante observar que existem aspectos em comum entre o objetivo da T'shuva – “a análise da alma”, e o objetivo da psicanálise – “a análise da psiquê”.
- Em ambos os processos, buscam-se uma conscientização maior de si mesmo (como nos sugeriu Freud, tornar consciente o que antes era inconsciente), e a quebra de padrões insatisfatórios e indesejados que se repetem automaticamente , inconscientemente, para transformá-los em atitudes mais adequadas e construtivas.
- Em ambos, há uma intenção de um despertar para uma vida mais plena, mais satisfatória , criativa e autêntica – uma busca da verdade, de consciência tranqüila, de paz de espírito.
- Há portanto um esforço para encararmos o que estava oculto, escondido de nós mesmos, com a finalidade de fazer acertar (“Tikun”).
- Poderíamos nos questionar neste momento como realizar uma auto-análise, no caso da T'shuva, sem ter vivido ou estar vivendo um processo psicanalítico? Experiência que só foi aceita no caso de Freud, já que se acredita que a resistência dificultaria ou impediria o processo de tornar consciente o inconsciente.
- Temporariamente, deixaremos essa questão em aberto, para fazermos uma analogia entre a resistência (no processo analítico) e o Satã (no judaísmo).

⁴ Ilchot T'shuva VII. 3.

“O sentido etimológico da palavra Satã é derivado de um verbo: *sotnim/liston* (criar barreira, dificultar). Através desse sentido, Satã corresponde a toda barreira, a tudo que impede o espírito humano de se aperfeiçoar”⁵

É uma espécie de “inimigo interno” que incentiva o “pecador”, dificulta e desencoraja a realização.

Exerce portanto uma função semelhante à resistência, que é conhecida como tudo o que nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente, ou seja, tudo que entrava, cria obstáculo ao trabalho (terapêutico).”⁶

É dito que o toque do *Shofar* (que deriva da raiz *Shin, Pei, Resh* _tornar bom, aperfeiçoar) durante os *Iamin Noraim*, tem a finalidade de afastá-los.

O ruído que soa como um alarme para nos “despertar” para as nossas responsabilidades de desenvolvermos nosso potencial, assusta aos Satãs.

O que seria necessário, para diminuirmos a resistência que dificulta a conscientização e quebrar as barreiras, impostas por Satã?

Segundo Melanie Klein (psicanalista que deu muita ênfase ao mundo interno do bebê e sua relação com a mãe), para que possa haver um desenvolvimento satisfatório, uma passagem bem sucedida de uma fase mais primitiva, onde não há diferenciação entre o eu (bebê) e o não eu (mãe), para uma fase mais evoluída, é preciso que haja uma consciência que seu mundo interno e mundo externo são distintos, e que a mãe que frustra e abandona, é a mesma que alimenta e protege. Nesse momento de conscientização, desenvolve-se um sentimento de culpa e arrependimento. Inicia-se então um processo de reparação aos danos imaginariamente causados à “mãe-boá”.

É a partir dos pedidos internos de desculpas e da possibilidade de sentir-se perdoado, que este ser em formação consegue ultrapassar uma fase primitiva de indiferenciação, para iniciar uma outra fase de individuação, maturação, integração.

Da mesma forma, para sermos perdoados e renovados, durante as *Selichot* batemos no peito, e como os bebês, reconhecemos nossas culpas, e constrangidos pedimos desculpas (*Selicha*). Esta seria a primeira etapa do processo de perdão e renovação, que curiosamente se dá de forma muito semelhante ao descrito por Klein:

“1º - *Selicha* – (identificação das culpas)

2º - *Mechila* – (anulação das culpas)

3º - *Kapara* – (transformação das culpas com possibilidade de renovação)”⁷

Simbolicamente, reconhecemos nosso compromisso de nos transformarmos e nos renovarmos, jogando nossos “pecados” nas profundezas do mar, num ritual conhecido como “*Tashlich*”. Sabemos que nos rituais de purificação judaicos, a água tem um significado importante; não poderia portanto deixar de estar presente neste período que buscamos nos “limpar” “de nossas “sujeiras”.

Para que possamos identificar nossas culpas, é necessário que estejamos em contato muito próximo com nossos sentimentos, sintonizados com quem realmente somos e com quem vislumbramos ser.

Rabino Bonder nos sugere que neste período, os dizeres do Talmud: “*Da Lifnei Mi Ata Omed*” - Saiba diante de quem você está! - Deve ser interpretada como: Saiba diante de que “você” você está!

Novamente, nos deparamos com mais um ponto em comum em relação aos processos de T’shuva e psicanalítico: a busca da verdade, de um contato íntimo e sincero com nosso mundo interno, um encontro com o nosso “verdadeiro – self”.

Uma história exemplifica a importância da conexão sincera com o self verdadeiro:

⁵ Rosh Há-Shana e Iom Kipur - Dias Intensos - Nilton Bonder

⁶ Dicionário de Psicanálise – La Planche

⁷ idem nº 2

“Reb Sussia⁸ em seu leito de morte, agitava-se de forma angustiada. Seus discípulos assustados inquiriram seu mestre sobre seu comportamento. Reb Sussia disse: “Estou com medo. Com medo do tribunal celeste. Não que tenha medo de ser questionado sobre porque não fui um profeta ou um líder carismático e realizador como Moisés, pois posso sempre esclarecer que não sou Moisés. Não tenho medo tampouco que me questionem porque não fui como o sábio Maimonides, que com seu trabalho mudou a compreensão de uma geração e de todas as que se seguiram. Posso novamente esclarecer que não sou Maimonides. Mas tenho muito medo, verdadeiro terror que me perguntem: “Sussia, porque você não foi Sussia?”⁹

Reb Sussia, considerado um homem justo e sábio, sabia que para estar em paz com sua consciência, precisaria, durante sua trajetória de vida, desenvolver criativamente seu potencial, suas metas e ambições sintonizado com suas reais necessidades, pois pela sua especificidade, só ele, e ninguém mais além dele, poderia realizar a tarefa de ser verdadeiramente, genuinamente ele.

Para Winnicott, psicanalista que estudou as personalidades que denominou de “Falso-Self”, esses indivíduos estariam impossibilitados de serem autênticos, espontâneos, íntegros. Seus referenciais estariam fora e não dentro de si mesmo, e tentariam ser aquilo que esperam que ele seja, seus desejos se confundem com o desejo alheio.

Possivelmente esses indivíduos não viveram uma experiência em que a mãe, numa fase bem primitiva de seu desenvolvimento (aquela de indiscriminação descrita acima), pudesse funcionar como um espelho que refletisse um olhar encantado, e que desse a oportunidade a esse bebê de incorporar esse olhar à sua auto imagem para sentir-se aceito, valorizado, um ser que encanta.

Segundo Winnicott, a análise desses indivíduos consistiria em tratar da auto-estima abalada e ajudá-los a sentirem-se mais reais, mais confiantes para conectarem-se com seus verdadeiro-self, que estariam encapsulados, protegidos e escondidos.

Estes indivíduos, exemplos de distanciamentos extremos de suas essências, nos trazem de volta à questão que ficou em aberto: como poderíamos realizar esse encontro mais sincero e íntimo conosco mesmo, com nossa alma, como ter acesso ao que normalmente fica inconsciente, escondido, encapsulado e torná-lo acessível a nossa consciência, sem estarmos vivendo um processo analítico?

O que seria equivalente à relação transferencial com o analista, que possibilitaria a transformação no processo de T’shuva?

Talvez uma palavra chave, também inerente aos dois processos, possa nos ajudar: Shema (escute).

Da mesma forma que o psicanalista funciona como um interlocutor que ajuda ao analisando a se escutar, escutar sua própria voz interior, estabelecendo assim uma aliança terapêutica, com o intuito de colaborar empaticamente no processo de transformação, evolução e crescimento pessoal, na T’shuva, essa aliança vai ser experimentada através da busca de um contato íntimo com D’us.

É Ele que chamamos para que nos escute, para que nos ajude a escutar os anseios de nossa alma, de nosso mundo interno, que permanecem adormecidos, não vividos.

Este chamado, para que D’us se torne mais íntimo, mais próximo, mais aliado, nos ajudando a tornar possível o difícil desafio que temos que confrontar neste período, é um dos aspectos que caracteriza este processo, e que o torna intenso.

Nesse caso, a relação transferencial que ajuda a transformação, que também é baseada na confiança e na fé, se faz diretamente com D’us.

⁸ Reb Sussia, era famoso no século XVIII; considerado um dos 36 homens santos e justos, que segundo a tradição judaica estão presentes em cada geração preservando-as e realizando juntos o trabalho divino —David Cooper— God Is a Verb.

⁹ Nilton Bonder— Rosh Há-Shana & Iom Kipur Dias Intensos

Este passa a ser nosso “Parceiro- ouvinte”, nossa “Mãe-espelho” que reflete a nossa própria imagem e voz interior.

Nós como parceiros do Criador, como co-criadores, escutamos Sua voz dentro de nós.

Essa aliança, que se faz através da busca da intimidade com o Divino, nos permite modificar o diálogo interno que normalmente temos conosco, nos torna mais próximos da visão que D’us tem de nós.

Ela é também extremamente terapêutica. É através dela que conseguimos força e coragem para escutarmos e admitirmos nossas culpas, “pecados” e imperfeições, assim como motivação para a transformação, renovação e purificação da alma, pois assim como os bebês contam com a compreensão da mãe, nós contamos com o “perdão” e compaixão divina, para sermos absolvidos e inscritos no Livro da Vida; uma vida de qualidade e autenticidade.

É importante lembrar, que enquanto em Rosh Hashana, o foco é numa imagem de D’us que julga (“Din”), no final da T’shuva, em Iom Kipur, o foco é numa imagem Divina que é a Fonte de misericórdia, compaixão (Chessed) e perdão.

Esta modificação da imagem Divina, nos sugere que “Din” (julgamento), surge para nos ajudar a interromper nossos velhos padrões que se repetem automaticamente e se tornam hábitos, para nos despertar para prioridades que não estão sendo consideradas, para impedir que nossos esconderijos, ocultamentos e negações permaneçam nos dominando, impedindo o desenvolvimento de nossos potenciais criativos. Como nos sugere o rabino Bondar, “Din é a medida de incômodo que desmantela nossos esconderijos”; afinal, o desconforto é importante (e por vezes fundamental) para provocar transformação. “No entanto, ele só é eficiente e terapêutico por um espaço curto de tempo”.

Afinal, a intenção do processo de T’shuva é nos despertar, aumentar a consciência para que possamos retificar- fazer Tikun e não nos tornarmos extremamente críticos, rigorosos e severos conosco e com os outros.

Finalizando o processo de T’shuva, ao ouvirmos o último toque do Shofar, na Neilá (último chamado para despertar o que ainda estava adormecido) a sintonia com o Divino estabelecida, nos possibilita uma reconexão com nossa Essência, com nossa própria divindade interior.

Visualizamos através da imagem refletida por Ele, que somos sua imagem e semelhança, e como tal também somos únicos e singulares.

Como co-criadores, e co-responsáveis pelas nossas vidas, despertamos para o poder que temos de transformá-la.

Com nossa auto-estima e amor próprio restabelecidos, com nossa alma desperta e preenchida de vitalidade e a ajuda do som do Shofar, os “Satãs – barreiras”, se retiram; não encontram mais espaços disponíveis.

Para concluir, é importante lembrar, que a busca de consciência, da sinceridade, da especificidade, o despertar para o que não está sendo vivido, para nossos “pecados”, o contato com nossa própria divindade, devem ser mantidos no nosso cotidiano; devem ser incorporados à nossa rotina.

Afinal, embora a Neilá represente o “Fechamento dos Portões”, de acordo com a tradição judaica, o único portão celeste que não se fecha nunca é o de “retorno” e “arrependimento”.

Nossa tarefa, nosso grande desafio, é não limitar esses processos, nem aos períodos de análise, nem aos de T’shuva.

***“Take time to live
Take time to love
Take time to hear and see
But first of all and most of all
Take time to Be”
Jean Kyler Mac Manus***